

# GÊNERO RESENHA: A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DO AUTOR EM TEXTOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS

FRANCISCO ALVES FILHO  
LAFITY DOS SANTOS ALVES

Programa de Pós-graduação em Letras  
Centro de Ciências Humanas e Letras – Universidade Federal do Piauí  
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella – Bairro Ininga  
64049-550 – Teresina-PI – Brasil

Coordenação de Língua Portuguesa, Instituto Dom Barreto  
Rua Gabriel Ferreira, 691 – 64000-250 – Teresina-PI – Brasil

chicofilhoo@gmail.com  
lacf2806@gmail.com

**Resumo.** *A resenha é um gênero recorrente nos meios acadêmicos e atende à função social de avaliar e descrever um livro publicado ou traduzido recentemente por especialista de um determinado campo do conhecimento, além de ajudar a atualizar os leitores e suprir sua falta de tempo para ler textos inteiros. Diante disso, o objetivo desta pesquisa é analisar como se dá a construção discursiva da figura do autor em amostras de resenhas linguísticas e literárias.*

**Palavras-chave.** *Resenha. Autor. Discurso.*

**Abstract.** *The review is a recurring genre in academic circles and serves the social function of assessing and describing a book published or recently translated by specialist in a particular field of knowledge, and help update readers and meet their lack of time to read texts integers. Thus, the objective of this research is to analyze how is the discursive construction of the figure of the author in samples of linguistic and literary reviews.*

**Keywords.** *Review. Author. Discourse.*

## 1. Concepções de autor no mundo Antigo e na Idade Média

Compagnon (1979) fala sobre algumas concepções do termo *autor* no Mundo Antigo. *Auctor*, segundo ele, é uma palavra oriunda do verbo *Augere* que significa “aquele que aumenta, que faz crescer”. Por isso, chegou-se a concluir que *autor* seria aquele que “amplia os fatos, ditos ou pensamentos do mundo antigo”. Visto desse âmbito, o *autor* não é propriamente um inventor, pois ele não cria o novo, sendo sua função dar continuidade ao que já existe.

Na concepção de Alves Filho (2005, p. 5), esse tipo de visão pode gerar um problema, qual seja: à medida que esse conceito institui uma crença de que se pode aumentar o que outros já haviam dito, isso pode modificar o texto proposto anteriormente por um outro autor. Benveniste (1989) também contraria essa concepção de autor como “aumentador”, já que, para ele, o termo ‘autor’ indica aquele que toma uma iniciativa e que primeiro funda uma atividade. Para Benveniste, o “mito da criação literária”, sobretudo no séc. XIX, tem, nessa concepção, um apoio em que poderá se firmar a originalidade e a inventividade ligada à palavra autor.

Compagnon (1979) mostra ainda uma outra concepção de autor. Nessa, a palavra ‘auctor’ refere-se a quem detém autoridade sobre uma obra, sendo, portanto, o autor o responsável pela interpretação nela feita. Essa concepção se consolida na Idade Média, período em que a palavra autor foi ao mesmo tempo associada a escritor e a autoridade. Assim, o autor não era somente aquele que era lido, mas, também, aquele que era respeitado. Para Alves Filho (2005), essa concepção nos permite ver o autor não como um “aumentador” ou como um “inventor”, mas como aquele cuja autoridade e poder lhes são atribuídos por terceiros.

Já do ponto de vista etimológico, Alves Filho afirma que a noção de autor oscila entre três campos lexicais: “continuação/aumento/porta-voz; criação/invenção/promoção; e autoridade/soberania/poder” (p. 7). Para o autor, parece improvável que se trate, nos dias de hoje, de três campos tão antagônicos, porque esses três campos parecem andar juntos quando se trata do reconhecimento da autoria de um texto ou obra.

## 2. Função autor

Chartier (1999) defende a tese de que a ‘figura do autor’, no domínio da Literatura, passou por uma mudança, uma vez que houve uma significativa diminuição do número de livros que continham textos de autores diferentes e, conseqüentemente, também um aumento de livros com textos de um único sujeito. Portanto, o livro passou a ser visto como um processo de individualização e de criatividade das ideias. Defende ainda que a consolidação da figura do autor depende também de uma condição material, qual seja: as máquinas de tipografia, que possibilitaram a publicação e a difusão das ideias para o mercado de consumo. A partir daí, os livros passaram a ter caráter privativo, o que possibilitou a emergência da necessidade de direitos autorais, sendo as editoras, e não os autores, as primeiras a saírem na luta pelos direitos autorais.

Foucault (1969), também, abordando a temática autor, afirma que a individualidade particular de um dado escritor deixa de ser vista no texto, uma vez que o autor não coincide com o indivíduo real, porque ser autor é mais uma das posições do sujeito na sociedade. Além do mais, pode-se dizer que o posicionamento de Foucault em relação à temática autor é uma resposta à tese da *morte do autor* defendida por Barthes (1968), embora Foucault não tenha dado uma resposta direta àquele.

Barthes defende a tese de que o autor está morto, o que equivale, em sua ótica, a dizer que o leitor está apto a assumir o sentido dado ao texto. Além disso, Foucault fala sobre a relação entre texto e autor, afirmando, por exemplo, que o nome Shakespeare faz identificar uma série de textos que se diferenciarão de outros. Portanto, para ele, o nome do autor caracteriza um modo particular de considerar os discursos. Visto assim, texto e autoria têm um sentido de algo superior, o que implica dizer que o termo autor não pode ser usado em qualquer texto. Ou seja, aos textos a que são atribuídos um autor, dá-se mais atenção, mais valor, porque em nosso imaginário esses textos têm um valor cultural que os demais não possuem.

No que diz respeito à noção de autoria, Foucault apresenta quatro características referentes à função de autor ao texto. A primeira característica relaciona-se à noção de propriedade, ou seja, de que há alguém que é proprietário de ideias, as quais potencialmente podem violar as regras do sistema de autoridade, ferir ou violar a imagem do outro. Portanto, a noção de responsabilidade é perfeitamente cabível aqui, uma vez que não se pode punir as palavras ou ideias, sem que a elas sejam atribuídas um responsável. A segunda característica é a de que a função autor não é uma característica universal de cada texto. Em outras palavras, alguns textos literários eram publicados no anonimato, enquanto textos de cunho científico eram ligados a um nome, pois a credibilidade do texto científico era associada ao nome do autor responsável pelo texto produzido, e este nome tinha voz e autoridade creditada para falar de um determinado assunto. Mas essa situação, durante os séculos XVII e XVIII, mudou, de forma que os textos literários passaram a ser associados a um nome, enquanto os científicos passaram a falar por si, sendo julgados preponderantemente por seu teor objetivo e argumentativo. A terceira característica proposta é a de que a função autor não é formada espontaneamente, mas construída por meio de tributos associados a um único autor. Nessa, a relação de textos ligados a um autor, os textos devem ser coerentes e ter um padrão de qualidade constante, porque a função autor exige uma uniformidade estilística. Já na quarta característica, a da heterogeneidade, o autor é concebido por uma pluralidade de “eus”.

Acreditamos que essa heterogeneidade atesta a chamada dispersão do sujeito e não causa sérios problemas de compreensão e interpretação dos textos, porque tem como contrapartida a suposição e a construção de um sujeito unitário que deve estar na base dos textos.

### **3. Autoria e AD**

Maingueneau (2010) afirma que a noção de autoria é indissociável da noção de texto, porque se costuma associar texto à posição de autor, mesmo que a noção de autor não tome a forma de um indivíduo de “carne e osso”. Defende o autor que a autoria deve ser uma questão central na Análise do Discurso (AD), sobretudo, porque a AD trabalha com a relação entre textos e lugares sociais. No entanto, a questão da autoria na AD foi, durante muito tempo, evitada, sobretudo, na área francófona, uma vez que a finalidade da AD era legitimar um novo território, não havendo aí lugar para a figura do autor, já que esta já era central nos discursos literários, religiosos e filosóficos.

Para Maingueneau, a noção de autor associada à ordem judiciária, isto é, à responsabilidade, não é a que mais interessa para a AD tendo em vista que, para o linguista, a primeira coisa a ser feita é saber em que condições um enunciado terá um autor. Para ele, dificilmente falar-se-á que uma conversação tem “autores”, preferindo-se referir-se a “participantes”, “interlocutores” e “interactantes”. Como diz ele textualmente:

Uma produção verbal parece não ser “autorizável”, isto é, atribuível a um autor, a não ser que ela seja objeto de uma re-presentação que permite enclausulá-la, apreendê-la do exterior, como um todo, de maneira a atribuí-la a uma entidade escolhida entre um conjunto de candidatos possíveis, colocada como seu responsável. (MAINGUENEAU, 2010, p. 3)

Infere-se do texto acima que quando as produções verbais são atribuídas a um autor, este passa a ser aquele que responderá por tais produções e que as reconhecerá como sendo de sua responsabilidade.

Maingueneau (2010) distingue a noção de autor em três dimensões: estatuto historicamente variável (corresponde ao autor responsável); autor-ator (Maingueneau faz uso de um exemplo que simplifica a compreensão dessa segunda dimensão, qual seja: uma pessoa que é engenheiro e publica coletâneas de poesias – p. 5) e autor enquanto correlato de uma obra (refere-se à questão da responsabilidade que é instituída a alguém, mas essa responsabilidade não é instituída a qualquer pessoa, mas sim a um número bem restrito de responsáveis, sendo nisso que tal dimensão está pautada). Ao falar sobre a dimensão autor-obra, Maingueneau retoma o posicionamento de Foucault sobre o uso efetivo do termo obra, tal qual tratado em *Arqueologia do Saber*. Para Foucault (1969), a obra implica na “expressão do pensamento, ou da experiência, ou da imaginação, ou do inconsciente do autor, ou ainda das determinações históricas a que estava preso” (p. 27).

Corroboramos a definição de autoria trabalhada por Maingueneau e é essa concepção que adotaremos em nosso trabalho.

#### **4. Construção da figura do autor em sua relação com a obra no gênero resenha acadêmica e resenha literária**

Tendo em vista a noção de autoria defendida por Maingueneau, tentaremos relatar, neste trabalho, algumas das descobertas feitas em um estudo discursivo que visa descrever, a partir de uma visão interpretativista, o funcionamento do gênero resenha de livros em periódicos da área literária e linguística.

A discussão sobre a questão da autoria no gênero resenha toma por base os discursos que apresentam teor de avaliação em relação à obra e também ao autor da obra.

##### **4.1. Resenhas em periódicos da área de linguística**

Uma tendência recorrente no gênero *resenha* publicada em periódicos da área de linguística é uma ênfase da análise e avaliação, incidindo tanto na obra quanto no autor

dela. A apreciação positiva que é feita à obra do autor incide também numa avaliação positiva dele. Portanto, o interesse do resenhista é pôr em destaque a avaliação da obra, isso possibilita ao autor ser também um tópico importante. Veja-se:

*“A obra de “Ensino de língua materna: ...”, de Cleide Inês Wittke, publicada em 2007, pela Edunisc, é um importante suporte teórico...”*

*“O “Manual de Morfologia do Português”, da professora Maria Nazaré de Carvalho Laroca, traz uma ampla revisão dos conceitos fundamentais do estudo da Morfologia.”*

*“A presente obra compila trabalhos apresentados no II Siget... O livro constitui-se em uma contribuição relevante para as discussões sobre gêneros textuais... O primeiro capítulo... cuja autoria é de Luiz Antônio Marcuschi, discute...”*

As expressões “é um importante suporte teórico”, “traz uma ampla revisão dos conceitos fundamentais do estudo da morfologia” e “O livro constitui-se em uma contribuição relevante para as discussões sobre gêneros textuais” estão centradas sobre a obra, mas o nome do autor aparece como forma de enfatizar que o autor é importante na área em que atua e isso é o suficiente para que acreditemos que a obra resenhada traz ganhos para os leitores dessa área. Por isso, faz-se uma construção positiva da obra resenhada.

Como anteriormente dito, a avaliação da obra sobre dado autor dá-se por um processo de apreciação, ou seja, a pessoa que escreve a resenha emite um juízo de valor sobre a obra resenhada. E o que ocorre com muita frequência é uma avaliação de tendência mais positiva do que negativa. Veja-se:

*“A obra traz um questionamento importante... e um diagnóstico prudente...”*

*“... a obra apresenta exposição e discussão abrangentes em torno da abordagem da Análise Crítica do Discurso introduzida por Fairclough...”*

*“O livro constitui-se em uma contribuição relevante para as discussões sobre gêneros textuais...”*

As expressões destacadas acima denotam uma avaliação positiva das obras resenhadas. Isso se evidencia quando ao autor são atribuídas as contribuições importantes, como demarcados nos trechos “A obra traz”, “a obra apresenta” e “O livro constitui-se”.

Ao analisarmos as resenhas da área de linguística, vê-se que a riqueza da obra está interligada à autoridade do autor. Então, não é a obra que torna importante o autor, mas o autor que torna a obra importante. Assim sendo, se Charaudeau é um importante nome para Análise do Discurso, as obras deste autor, que, tornarem-se públicas, também, serão importantes e, portanto, serão vistas como relevantes para serem lidas. Observe:

***“O livro de Patrick Charaudeau, professor de ciências da linguagem na Universidade de Paris XII e diretor do centro de Análise do Discurso, apresenta uma reflexão... A obra traz um questionamento importante... e um diagnóstico prudente...”***

Ao apresentar o autor (*Patrick Charaudeau*) e dizer que ele é “*diretor do centro de Análise do Discurso*”, um maior reconhecimento é dado à obra a ser descrita em seguida. Após dizer quem é *Patrick Charaudeau*, a autora da resenha afirma que a obra do autor “*apresenta reflexão*”, “*traz um questionamento importante [...] e um diagnóstico prudente*”.

Veja-se outro exemplo:

***“O livro ‘A socioconstrução do texto escrito: uma perspectiva longitudinal’, de Cancionila Janzkovski Cardoso, publicado no ano de 2002 pela Editora Mercado de Letras, retrata parte de sua tese de doutorado, apresentada, no ano de 2000, ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da professora Magda Soares. O estudo, que é contemplado na obra, dedica-se à análise de 97 textos narrativos escritos por 14 sujeitos ao longo de quatro anos de escolarização (1ª à 4ª série do Ensino Fundamental)... Disposta em 232 páginas, a obra está organizada em duas partes, as quais são antecedidas pela apresentação de Anne-Marie Chartier (orientadora no doutorado sanduíche), do prefácio de Roxane Rojo e das razões que motivaram a autora a realizar tal trabalho.”***

No exemplo acima, os nomes das autoras *Magda Soares*, *Anne-Marie Chartier* e *Roxane Rojo* – as quais não são as autoras da obra resenhada – foram citados de forma que a obra de *Cancionila Janzkovski Cardoso* recebesse respaldo diante dos leitores. Portanto, o respaldo e o valor desta autora aparecem, sobretudo, quando os autores possuem status, ou melhor, já são consagrados na área. A descrição da obra é feita, mas somente a descrição em si possivelmente não asseguraria à *Cancionila Janzkovski Cardoso* o título de autor, então a garantia de reconhecimento da obra foi utilizar-se de nomes de autores já conhecidos no país, cuja autoridade já lhes foi concedida no mercado no mercado editorial e na área de linguística de suas especificidades.

Com pouca recorrência, observamos, também, que há resenhas em que a obra é posta em evidência do início ao fim da resenha. Só se sabe de fato quem é o autor da obra, porque no cabeçalho da resenha há a referência, bem como no título. Observe:

***“Morfologia do português constitui-se no 305º texto de base, ou manual, editado pela Universidade Aberta de Portugal. É, por conseguinte, material voltado, primordialmente, para o aluno de um curso universitário adequado ao Processo de Bolonha, na modalidade a distância...”***

***“... Morfologia do português é uma obra didática diferenciada, na medida em que procura aplicar o modelo X-Barra à morfologia do português. Esse esforço é muito bem-vindo, até porque sua leitura é instigante.”***

Ao contrário das outras resenhas analisadas, esta, em momento algum, cita a autora no interior da resenha, vindo o seu nome somente no título e na referência. Ademais, apresenta-se a obra como sendo “diferenciada” e de “leitura instigante”. Assim vê-se a valorização da obra de forma positiva, porque ela surge, na percepção da resenhista, como um fator de relevância para o aluno universitário. Em momento algum, durante a leitura desta resenha, viu-se nomes de outros autores mencionados ou qualquer menção da autora de forma a se apresentar a obra a partir de sua apresentação por um reconhecimento de autoridade. Diria que o papel do nome da autora da obra resenhada é quase imperceptível. Em resenhas como esta, o autor é tratado indiferentemente como potencial elemento para a construção do valor da obra. O que comprova que a tese de Foucault de que os textos científicos são, como dissemos anteriormente, julgados por seu teor objetivo e argumentativo ainda tenha validade.

#### 4.2. Resenhas de obras literárias

Começemos com os seguintes trechos:

*“... A **Humilhação**”, 30º livro de Roth, é um veredicto doloroso sobre o envelhecimento, na contracorrente das ideologias narcisistas de nossa época, que preferem obliterar a tragédia do declínio...”*

*“Trata-se de um tema recorrente nas obras recentes do autor, ele próprio um ancião de 76 anos. Paradoxalmente, ou talvez graças a esse confronto desiludido com o fim, são obras de incrível vitalidade literária, que tornaram Roth o nome mais importante da literatura americana atual.”*

(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1505201015.htm>)

Diferentemente das resenhas de obras linguísticas, as literárias trazem um pouco da vida biográfica do autor na ligação com os temas tratados em suas obras. Assim, “*A Humilhação*”, como afirmou o resenhista, é “*um tema recorrente nas obras recentes do autor, ele próprio um ancião de 76 anos...*”. A senioridade do autor (ancião de 76 anos) é um indício de que não se está a falar de um autor inexperiente. Ao contrário, os 76 anos são um indício de um autor com muita experiência e com um grande poder de autoridade.

Além disso, o nome do autor está interligado ao conjunto de sua obra. Ele não é tratado como autor de um único romance, sendo sua autoridade decorrente de uma coletânea de textos escritos e reconhecidos ao longo do tempo. Isso pode ser observado nos trechos “*...tema recorrente nas obras recentes do autor...*” e em “*... são obras de incrível vitalidade literária...*”

Veja-se um outro exemplo:

*“... Mendoza supera a piada de fundo histórico por meio da fala narradora de Pompônio Flato e sua mistura de expressão erudita com gíria malandra...”*

(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0805201008.htm>)

No exemplo, ao contrário do observado em resenhas acadêmicas, o autor é apontado pelo resenhista como responsável pelo discurso emitido, ou seja, é Mendoza quem “supera a piada de fundo histórico” e não a obra (como nas resenhas linguísticas). Veja-se:

*“... O livro "Paulo Francis - Polemista Profissional" vale a pena ser lido sobretudo por dois capítulos: o terceiro (sobre sua obra literária) e o quarto (sobre sua formação intelectual). Neles, o autor Paulo Eduardo Nogueira, também jornalista e ex-colega de Francis no jornal "O Estado de S. Paulo", traz novidades em relação a outros livros sobre o polêmico biografado -principalmente se comparado com outra obra com o mesmo objetivo: "Paulo Francis: Brasil na Cabeça", de Daniel Piza (2004).”*

No exemplo, a imagem do autor literário Eduardo Nogueira é posta de forma que as informações conferiram credibilidade e autoridade ao autor. Veja que, além de dizer que ele é jornalista, é dito que ele foi ex-colega de Paulo Francis no jornal Estadão (O Estado de São Paulo), portanto, isso autoriza Eduardo Nogueira falar sobre Paulo Francis.

## 5. Considerações finais

Ao analisarmos os discursos acerca das obras nas resenhas acadêmicas, verificou-se uma ênfase na descrição e uma recorrente ausência de apreciação negativa de uma dada obra, principalmente, quando a obra pertencia a um autor renomado na área.

Podemos constatar ainda que a resenha acadêmica em periódicos linguísticos se mostra apenas como um espaço em que se fala, se expõe um produto de forma positiva, servindo mais como um lugar de propaganda, de venda de um produto do que um espaço em que também se possa discordar de uma determinada ideia exposta na obra.

Já nas resenhas literárias, o nome do autor está interligado ao conjunto de sua obra. Ele não é tratado como autor de um único romance, sendo sua autoridade decorrente de uma coletânea de textos escritos e reconhecidos ao longo do tempo.

Ademais, pode-se dizer que a construção da figura do autor em resenhas pode não funcionar da mesma forma, sobretudo, quando se leva em consideração campos de conhecimentos diferentes como a Linguística e a Literatura. Creio que, em pleno século XXI, alguns pontos da teoria de Foucault sobre autoria ainda sejam válidos quando da análise do gênero resenha feita nesse trabalho, quais sejam: a tese de que a atribuição de um autor a um texto, o torna com um status cultural que os demais não terão, e a de que se exige dos textos de um dado autor coerência e uniformidade estilística, bem como a tese de que textos ligados à ciência possuem teor objetivo e argumentativo, focando-se mais na obra em si do que no próprio autor.



## Referências

ALVES FILHO, F. **A autoria nas colunas de opinião assinadas da folha de S. Paulo** Tese. Doutorado em Linguística, Unicamp, 2005.

BARTHES, R. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1984 [1968].

BENVENISTE, É. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de linguística geral I**. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 1989.

CHARTIER, R. Figuras do autor. In: **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Bras. Brasília: Editora da UnB, 1999.

COMPAGNON, A. **O trabalho da citação**. Trad. Bras. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1979.

FOUCAULT, M. **O que é um autor**. Lisboa, Passagens, 1969.

MAINGUENEAU, D. **A noção de autor em Análise do Discurso**. Trad. Bras. In: **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.